

Alberto Bial  
Técnico de basquete

# Em terras desconhecidas e desertos, o jardineiro planta o esporte como semente de um legado

Em outra vida, Alberto Bial seria um monge, com trabalho e fé devotados à busca do divino. Poderia, também, ser um mestre samurai, transmitindo o legado e guardando a honra dos antepassados. Numa última suposição, haveria de ser um peregrino, explorando o desconhecido em busca de um propósito para si. Mas as almas dessas três vidas possíveis parecem ter se ligado, se misturado, liquefeitas e fluídas, moldando uma à outra para se tornarem a alma que conhecemos numa tarde nublada e quente de uma segunda-feira.

No dia em que encontramos Alberto Bial, ele estava pesado. Os grandes olhos azuis, carregados. Suportava o fardo da perda. Mas, talvez, por isso, estivesse ainda mais real, ainda mais humano. Em contrapartida ao peso, a consciência da própria humanidade parecia torná-lo leve. Aqueles 1,88 metros pareciam mais leves que o ar. Alberto era uma bigorna puxada por uma pena.

Alberto é uma figura inspiradora. Inspira a dor na gente. Mas é uma dor boa, aquela que vem quando alguém nos abre o mundo diante dos olhos. Quando alguém mostra o sofrimento alheio que ignoramos, o bem que poderíamos fazer e não fazemos e o tempo que desperdiçamos. Alberto faz isso — mesmo que não perceba — quando conta a própria história. E, então, a alma dói, em urgência, porque não pode mais suportar viver sem um propósito.

Provavelmente, um dia Alberto sentiu essa dor. O medo da inutilidade, de uma vida irrelevante. E, nesse dia, decidiu que viveria para cumprir uma missão. E encontrou-a no esporte. Foi ele que o salvou. Da solidão, da falência, da inércia. Salvou não apenas Alberto, mas o falecido pai, *seu Pedro*, dos vícios. Logo quando menino, já sabia que o destino que o aguardava era o de um técnico. Seria técnico de basquete.

Quando olhamos para Alberto, é quase possível ver, atrás dele, todos os técnicos que teve e os que ainda tem, não apenas

no esporte, mas na vida: *seu Pedro*; a mãe, dona Suzana, ainda viva e muito lúcida; *seu Orlando Gleck*, o técnico “aleijado” pelo qual Alberto apaixonou-se e cuja morte não foi capaz de arrancar o respeito que lhe era devotado; Paulo Cezar Braz, o melhor amigo de toda uma vida, o qual havia acabado de partir. São como guias, como oráculos, nas lembranças de Alberto. O legado que ele transmite também é de todos eles.

Se hoje Alberto faz o basquete acontecer no Ceará, é porque o faz não como um fim, mas como um meio. Descobriu, ainda cedo, que o esporte é capaz de gerar enormes transformações. Enfim, sente-se pleno na própria função. “A profissão de técnico me preenche demais”. Mesmo com o coração dividido entre o trabalho e a família, Alberto sente a urgência de continuar a jornada. Sai, então, explorando terras desconhecidas, até encontrar um deserto onde o basquete possa florescer. Alberto é um jardineiro.

Para o gigante com espírito de menino, o basquete é como a vida: sempre cheio de surpresas. Em ambos, é preciso reagir rápido, ter uma resposta na ponta da língua, ou dos dedos. Mas, parando para pensar, talvez, para Alberto, vida e esporte não sejam apenas semelhantes, mas sinônimos. “O esporte é uma coisa simples, mas é uma coisa muito forte. Arrebatadora, extraordinária, vital. Sem o esporte não há vida”.

Se a vida e o jogo são a mesma coisa, então, assim como o jogo, a vida é um sopro. É preciso se mexer. É preciso ganhar. Mas, acima de tudo, é preciso viver. Entre início e fim, há um meio. E é nesse meio que tudo acontece. Alberto está longe de chegar ao fim. Falo isso porque, mesmo quando chegar, a história dele continuará onde ele plantou. O que direi a seguir não deve ser entendido como um insulto a todos os bons jogadores do mundo, mas como um elogio ao esporte: se o basquete se tornasse uma pessoa, poderia tornar-se Alberto.

**Equipe de Produção:**

Alana Lins  
Sarah Yarina

**Entrevistadores:**

Alana Lins  
Sarah Yarina  
Amanda Fontenele  
Ingrid Pedrosa  
Karine Nascimento  
Maurício Xavier  
Rafael Bastos  
Rosilene Serafim  
Ruthy Lenne  
Thaís Norões

**Texto de abertura:**

Alana Lins

**Fotografia:**

Iury Figueiredo



Entrevista com Alberto Bial, dia 12 de dezembro de 2016.

**Alana** — Antes de começar a falar sobre basquete, temos uma pergunta. Algumas pessoas com quem a gente entra em contato para a *Revista Entrevista* acham que é uma perda de tempo conversar com um grupo de alunos. Mas você, não. Você se sentiu muito honrado em receber a gente. Eu quero saber: por quê?

**Alberto** — Eu acho que qualquer indivíduo, qualquer ser humano merece todo o respeito da gente, independentemente da área de atuação dele. Eu gosto muito de jornalismo. Meu pai foi uma pessoa que tinha veia toda voltada para a publicidade. Ele era um imigrante alemão, mas tinha essa veia teatral, para lidar com as pessoas no meio artístico, e acabou entrando nessa área de venda para programas de teatro. E era sempre um bom amigo, era tido como um bom amigo. Até pouco tempo, a Fernanda Montenegro (*atriz brasileira*), que ainda hoje é viva, quando me encontra, sempre fala com muito carinho do Pedro Peterson, que era o nome artístico do meu pai. Ele se chamava Pedro Hans Israel Bial (*os pais de Alberto vieram para o Brasil fugindo da Segunda Guerra Mundial na Alemanha*).

E eu sempre tomei muito cuidado com as pessoas. Eu me lembro que eu fiz uma adoção que minha mãe pediu para uma família alemã que queria adotar quatro crianças brasileiras, mas não queria quatro crianças brasileiras de olhos azuis e pele branca, queria adotar quatro crianças brasileiras que necessitassem de ajuda. Na época eu estava ali no Fluminense (*Fluminense Football Club é uma agremiação poliesportiva e cultural sediada na cidade do Rio de Janeiro*), nos anos 1970, e eu visitava muito um orfanato ali perto, levei minha mãe lá e apresentei quatro crianças muito problemáticas do orfanato. E essas crianças hoje são empresárias executivas. Vieram no Brasil há pouco tempo, enormes. Duas mulheres e dois homens muito bem sucedidos — você não diz que eram crianças que estavam à beira da morte no orfanato.

Eu também lidei muito tempo, como professor, com crianças com Síndrome de Down e a vida foi me levando a ver que a gente tem de dar importância às pessoas. A gente vê a diferença das pessoas soberbas, das pessoas que se acham demais e das pessoas simples, das pessoas que entendem a

vida um pouquinho melhor. A simplicidade, a bondade, a generosidade, a solidariedade são tão importantes ou mais que qualquer coisa que você tenha. É muito mais importante você *ser* do que *ter*. Eu sempre trabalhei muito com pessoas. Eu sou técnico desde os 18 anos. Sempre tomei o cuidado de tratar as pessoas como eu gostaria de ser tratado. Quando eu era jogador, eu tinha muitos técnicos que me tratavam a ferro e fogo, ou me tratavam de maneira injusta, ou de qualquer maneira. Eu gosto de tratar as pessoas, todas elas, com muito amor porque todos nós temos o lado bom e o lado ruim e merecemos muito cuidado. Eu faço questão de tratar todas as pessoas que eu convivo na vida com muito cuidado, me colocar no lugar delas. E eu amo lidar com gente. Às vezes, fico cansado, porque às vezes a gente é muito mal compreendido, às vezes a gente é traído e aí eu saio do sério. Quando eu sou traído, quando mentem pra mim ou quando escondem alguma coisa de mim, pisam no meu pé, me tiram do sério. E o homem tem essa mania de fazer isso, de mentir, de esconder, ser injusto, guardar mais pra ele.

A gente vê que tem milhões e milhões de pessoas que são muito boas. Você vê médicos que tomam o maior cuidado (*com os pacientes*), e você vê o piloto de avião que bota pouco combustível pra ficar mais rico, aos 36 anos, e mata 71 jovens, mata um grande amigo que eu tinha que estava naquele voo (*referência ao acidente aéreo com o avião que transportava 77 pessoas, a serviço da Associação Chapecoense de Futebol, da Bolívia para a Colômbia em 28 de novembro de 2016*), o Victorino Chermont (*repórter esportivo brasileiro*), uma pessoa espetacular! Ele tomava dois chopos e ficava doidão! Eu gostava de tomar um chope com o Victorino porque era um papo bom. E ele morreu nesse voo por conta da ganância.

Então, nessa profissão que eu tenho, eu adoro competir, eu adoro poder levar o Ceará no cenário do Brasil. O basquete dá essa chance. Mas o que eu mais gosto é de influenciar as pessoas, conduzir as pessoas a serem melhores, a entenderem que a vida é algo que não tá pronto, que a gente não pode ter certeza de (*pede licença para pronunciar a palavra e fala com ênfase*) porra nenhuma! E por isso a minha paixão pelo ser humano.

A sugestão de que Alberto Bial fosse um dos entrevistados foi feita pelo aluno Rafael Bastos, que é bastante ligado à questões do basquete. Rafael ficou bastante satisfeito com a escolha.

Quando Alana telefonou para Alberto a fim de convidá-lo para ser entrevistado, ele aceitou prontamente, sem sequer ouvir maiores explicações sobre do que se tratava.

O contato com Alberto foi feito, principalmente, por WhatsApp, o que facilitou bastante o processo de planejamento, produção e pauta da entrevista.

**Sarah** — Alberto, você nasceu e se criou tendo uma proximidade muito grande com o teatro por conta do pai, que era contrarregista, e da mãe (*Suzane Bial*), que era figurinista. Porém, você seguiu para o lado do esporte. Como surgiu esse amor pelo esporte?

**Alberto** — O meu pai e a minha mãe vieram que eu precisava de alguma atividade, porque eu morava ao lado de uma favela, na Praia do Pinto (a favela era localizada em uma das áreas mais valorizadas da Zona Sul do Rio de Janeiro), e eu ficava muito sozinho com as outras crianças, então eles me colocaram numa piscina. E eu morava perto do mar. Eu aprendi a nadar muito rápido. E a professora dessa escola de natação em Ipanema sugeriu à minha mãe que me colocasse num clube. Esse clube era o Fluminense Futebol Clube. E eu já cheguei à piscina do Fluminense fazendo um tempo na travessia de 50 metros que era o suficiente para disputar o campeonato carioca. Na primeira competição, aos sete anos de idade, eu já cheguei disputando o primeiro lugar. Meus pais já ficaram assim: "Nossa... Esse menino é um peixinho". Depois, participei de uma equipe no Fluminense onde eu comecei a ganhar todas as provas. Fui campeão municipal, estadual, brasileiro, recordista carioca, recordista brasileiro, fazendo parte de uma equipe, virei um menino do Fluminense. O Fluminense todo conhecia o Bial. E fiquei maluco pelo futebol! Existia uma senhora na equipe de futebol lá que era madrinha de um dos nadadores e levava os jogadores de futebol pra almoçar na casa dela. E aquele

alemão pequenininho chamado Pirão era o Bial. Eu ia almoçar com o Pinheiro (*João Carlos Batista Pinheiro, ex-zagueiro-central do Fluminense*), Jair Marinho (*ex-lateral do Fluminense*), Castilho (*Carlos José Castilho, foi um futebolista e treinador brasileiro, que atuava como goleiro*), jogadores da seleção, Altair (*Altair Gomes de Figueiredo, campeão mundial com a Seleção Brasileira em 1962*), Telê Santana (*treinador e jogador brasileiro*), Waldo (*Waldo Machado da Silva, ex-atacante do Fluminense*)... E fui entrando naquele meio, não ia mais pra casa. Fui ficando um molecote. E ficava dormindo na casa do Paulinho Miranda, do Lago (*Paulo Sergio Lago*), do Quadros (*Carlos Alberto Quadros, todos amigos da época da natação*). Fui ficando um rato de clube. Aos 12 anos, eu não aguentei mais nadar e entrei na quadra de basquete. E virei jogador de basquete.

**Maurício** — O que foi que precipitou essa

---

"A simplicidade, a bondade, a generosidade, a solidariedade são tão importantes ou mais que qualquer coisa que você tenha".

---



A produção desta entrevista foi feita durante a greve estudantil da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2016, marcada pelas ocupações dos espaços institucionais da Universidade.

mudança da natação para o basquete? Com tanto sucesso na natação, o que foi que fez você não aguentar mais?

**Alberto** — Porque, no colégio, eu era um excelente jogador de futebol, e eu fui pra quadra e comecei a jogar basquete e fiquei um dos bons do basquete. O nosso técnico do Fluminense era muito bom e ele ensinava muito bem. Eu já tinha facilidade e virei um jogador legal, comecei a jogar o basquete direitinho. A natação era muito chata! O basquete tinha a bola, vestir a camisa, entrar em campo. Time! (*ênfase*) E viajava pra jogar no São Cristóvão, no Realengo, no Vasco da Gama, Fla-Flu (*termo usado, no Brasil, para a disputa entre os times cariocas do Clube de Regatas do Flamengo e do Fluminense Football Club*). Jogava Fla-Flu! (*ênfase*) Esse meu amigo que morreu (*Alberto tinha ido ao enterro do melhor amigo dele, Paulo Cezar Braz, no Rio de Janeiro, no dia anterior à entrevista*) jogava no Flamengo. E, no ano seguinte, ele já foi pro Fluminense. Ele e o China (*China Ronaldo Liao*), outro amigo. Fizemos a máfia do Fluminense: eu, Braz, China e o Cláudio (*Cláudio Gouveia*). Fizemos um time ali que nunca perdeu. Joguei no Fluminense dos 13 aos 24 anos sem perder um título. Fui mal acostumado à beça. Porque o melhor jogador do Brasil, o Marquinhos (*Marcos Antônio Abdalla Leite, ex-jogador de basquete que jogou na seleção brasileira e participou de três Olimpíadas*), era do meu time, então ficava mais fácil, a gente ganhava tudo.

Depois perdi todos, tive uma sucessão de derrotas. Fui aprender que a vida eram curvas, uma montanha russa: descida, subida. E essa passagem para o basquete foi legal porque o meu técnico formava jogadores de uma forma muito, muito bacana! Ele era aleijado, tinha um desgaste na cabeça do ilíaco (*membro inferior é especializado para sustentar o peso do corpo e a locomoção*), na bacia, andava de bengala. Ele gostou de mim e eu gostei dele. Eu voltava de táxi pra casa com ele, muitas vezes, ele me deixava em casa. Eu morava em Copacabana, ele em Ipanema. Eu me apaixonei por ele, ele se apaixonou por mim. Eu acabava escalando o time. “Quem que eu boto, Bial?” Ele era muito bom como treinador, mas na hora do jogo ele ficava nervoso. Ele falava: “Quem é que eu boto pra titular?” Eu falava: “Bota aquele ali, que é meu amigo”. (*risos dos entrevistadores*) Foi assim. E aos (*meus*) 16 anos, o Fluminense fez um baita de um time profissional! Mas o Goiás começou a fazer time de basquete e o armador foi pra lá. E abriu uma lacuna pra mim. Então, eu com 16 anos, virei jogador profissional. Ganhei dois mil cruzeiros (*moeda brasileira à época*), que era muito

dinheiro. Eu saí de casa pra morar no Leme (*bairro nobre de classe alta e classe média alta da zona sul da cidade do Rio de Janeiro*), junto com um jogador peruano do nosso time. Com 18 (*anos*), entrei na faculdade de educação física e abriu um time de minibasquete no Fluminense. Eu comecei a ser técnico com 18 anos. Em 1970 eu fui primeiro lugar na Faculdade de Educação Física (*na Universidade Federal do Rio de Janeiro*) — eu, que era último lugar na sala de aula.

**Alana** — Você falou que a sua mãe o levou para a natação. E tinha dito pra gente (*na pré-entrevista*) que foi com um amigo para o basquete. Qual foi a primeira quadra de basquete que você foi?

**Alberto** — A primeira quadra foi no Colégio Santo Inácio (*localizado no bairro de Botafogo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro*), “entra burro e sai palhaço”. Mas no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, entra burro e sai com muito conhecimento. Armínio Fraga (*ex-presidente do Banco Central do Brasil, na gestão Fernando Henrique Cardoso*) e tantos outros, pessoas muito preciosas da sociedade brasileira (*estudaram no Colégio Santo Inácio*). Tanto que eu nem consegui terminar o Colégio Santo Inácio. Eu comecei a jogar basquete lá, com o Veiga Brito e o Fioravanti. E o Fioravanti me levou na quadra de basquete do Fluminense. E o seu Gleck (*Orlando Gleck, técnico de basquete do Fluminense, na época*) falou: “Não, você tem de ficar aqui”. Eu fui lá na piscina e falei assim: “Seu Arantes (*Rômulo Arantes, técnico de natação do Fluminense, na época*), eu não quero mais nadar”. “Não! Você tem de ficar aqui!” Meu pai e minha mãe (*disseram*): “Não, você tem de continuar nadando.” “Não vou, não vou nadar. Eu vou pra quadra de basquete”. Fui jogar uma partida de basquete e levei meus pais pra ver. E não joguei nada, o técnico me botou faltando 20 segundos e eu não joguei nada. Meu pai falou: “Que é isso? Você quer jogar basquete fazendo esse papelão que você fez? Vai voltar pra natação”. Eu falei: “Não!” E comecei a treinar igual um desesperado pra fazer tudo certinho.

No outro jogo que ele foi ver, eu já era titular, jogando superbem, pegando mão direita, mão esquerda. Aos 16 anos, eu já era titular da equipe profissional do Fluminense. E meus pais tinham um orgulho enorme! Meu pai chegava no padeiro — nessa época o padeiro chegava com a cesta em casa, mostrava a cesta na porta de serviço e meus pais escolhiam os pães — ia na porta e falava: “Olha a medalha que meu filho ganhou, aqui ó”, mostrava, todo orgulhoso. E em todos os jogos de basquete os dois estavam

No dia da pré-entrevista, Sarah, que é maranguapense, se sentiu perdida em uma parte de Fortaleza da qual não lembrava: a Avenida da Abolição. A ida ao bairro do Náutico foi uma novidade para ela.

Na pré-entrevista, Alberto estava com a mão machucada e usava um tensor, mas não deixou de cumprimentar as produtoras com um aperto de mão. O cumprimento para ele é essencial.

A reunião de pauta foi feita na pequena sala do professor Ronaldo Salgado, no primeiro andar do prédio do Jornalismo, já que as salas de aula estavam ocupadas durante a greve.

presentes, não perdiam um jogo.

No dia que meu pai morreu, a gente jogava uma final do Campeonato Brasileiro de Basquete, a Taça Brasil, Fluminense e Sírio (*time de basquete do Esporte Clube Sírio, da cidade de São Paulo*). Ontem eu estava no Cemitério São João Batista (*localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro*). Na mesma capela que meu pai foi velado, estava sendo velado esse meu melhor amigo (*Paulo Cezar Braz*). E o "Macarrão" (*Sérgio Macarrão, medalha olímpica em Tóquio e grande amigo de Alberto*), um dos melhores jogadores do time, lembrou: "Eu me lembrei do seu Pedro." E a gente ficou lembrando, vieram aquelas memórias. Durante o jogo Fluminense e Sírio, na final da Taça Brasil, eu nem desci pra jogar esse jogo, porque o médico falou que ele ia morrer durante o jogo, e eu tava ouvindo no rádio. Ele morreu durante essa final. E nós fizemos de um ponto a final da Taça Brasil.

**Sarah** — Você falou do seu pai e eu lembrei que você falou na pré-entrevista que o esporte trouxe mudanças para sua família. Pode falar um pouco sobre essas mudanças?

**Alberto** — É, foi incrível isso! Eu trabalhei a minha vida toda fazendo inclusões sociais. Depois que eu descobri que o esporte era uma ferramenta perfeita para fazer inclusão social... Porque eu era um alienado, até os 25, 30 anos. Eu era uma pessoa que fazia as coisas por intuição, eu ia fazendo e ia acontecendo. O que aconteceu? Quando eu comecei a frequentar o Fluminense, o meu pai, que era um alcoólatra e viciado em jogo de corrida de cavalo, no meu aniversário de sete, oito, nove ou dez anos, não tenho certeza, parou de jogar num jóquei e se trancou num quarto da minha casa. Ele saiu desse quarto e nunca mais pisou no Hipódromo da Gávea (*atual praça de corridas do Jockey Club Brasileiro, coloquialmente chamado Jockey Club ou Jockey, situado no bairro da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro*), nunca mais jogou um tostão em corrida de cavalo e nunca mais bebeu. E a nossa família prosperou. Ele comprou uma casa, comprou um apartamento, deixou os estudos do meu irmão (*jornalista Pedro Bial*) pagos, eu fui pro Colégio Santo Inácio, minha irmã (*Irene Bial*) foi para o Colégio Mello e Souza (*em Copacabana, no Rio de Janeiro*). A gente teve uma melhora de qualidade de vida, por conta da inclusão social de um filho para o pai.

Uma história diferente, né? Normalmente o pai que inclui o filho, os professores que incluem as crianças. Foi uma inclusão social que eu só fui me tocar muito mais tarde. E, quando meu pai morreu, minha mãe era analfabeta, só tinha o primário. Ela veio da

Alemanha, tinha o primário em alemão. Ela fez o primário, fez o ginásio, fez o científico, fez a faculdade, fez o mestrado, fez o pós-mestrado, fez tudo, e, hoje, tem 92 anos e é uma psicanalista freudiana que atende pessoas, é uma pessoa que trabalha, que produz aos 92 anos. A morte do meu pai mexeu com ela. Uma mulher que era "prendas do lar", tomava conta de filho, fazia comida, virou uma profissional, uma senhora profissional! O Braz morou comigo muitos anos lá em casa. E como eu tinha uma apresentação da minha neta (*Alice, sete anos, filha de Melina*), ela foi à apresentação e coincidiu tudo: minha mulher (*Leila Bial*), minha filha (*Marcela*), minha mãe fomos todos ao enterro juntos, depois fomos ao Jockey Club que a gente frequentava, — eu e Braz éramos figuras assíduas num cantinho lá do Jockey. Eu fiz questão de ir lá. Mostrei o restaurante lá, tá diferente.

**Rafael** — Bial, você falou que se considerava um grande jogador no basquete, muito bem treinado. Por que, então, a preferência por ser treinador? Isso abreviou a carreira como jogador profissional?

**Alberto** — Não. Primeiro, quando eu cheguei ao Fluminense, existia um clube no Brasil que era uma referência, era o Fluminense. Não tinha Flamengo, não tinha São Paulo... No Fluminense todos os técnicos eram grandes técnicos. O do futebol era o Zezé Moreira (*chegou a ser treinador da Seleção Brasileira de Futebol*), do voleibol era o Bené (*Benedito da Silva, atuou como levantador e treinador de voleibol brasileiro*), que formou o Bernardino (*ex-jogador de voleibol brasileiro e, como treinador, o maior campeão da história do voleibol*), o da Natação era o Rômulo Arantes, o do basquete era o seu Orlando Gleck. Era um clube extremamente organizado, um clube social e esportivo. E aquilo me chamou muito a atenção. "Eu quero ser técnico!" Com 13, 14 anos eu queria ser técnico. E o que abreviou minha carreira foi que um sheik (*palavra de origem árabe que quer dizer "chefe"; o título de sheik é considerado uma honra*) foi pegar o técnico de futebol e o técnico de futebol tinha sido meu professor na UFRJ. Ele (*sheik*) falou: "Pô, por que eu não vou levar um de basquete?" O Djalma Cavalcante (*técnico de futebol*) foi na quadra e disse: "Esse aí foi meu aluno, um cara direito, bacana." Ele gostou de mim. Mas ia ter um Flamengo e Botafogo depois e ele ficou pra assistir. Mas como é que o cara é técnico e jogador? Para o sheik, isso era incompreensível. Mas ele ficou pra assistir ao Flamengo e Botafogo, eu fui o melhor jogador, ganhei o prêmio, um agasalho Adidas, e fui jantar com o sheik depois. Ele falou no número de dólares lá e eu falei: "Não, eu quero é tanto!"

Rafael e Karine foram os consultores da produção, já que as produtoras não entendiam muito sobre esportes e tanto ele quanto ela são fascinados por esportes e por jornalismo esportivo.

Eu não sou um bom negociador, mas nesse dia eu tava especial. Eu falei: “Eu quero x e tal, mais isso e mais aquilo e tal”. Eu sei que acertamos e a grana deu pra comprar um apartamento na hora. Dois dias depois, ele me deu o pacote de dólares, comprei um apartamento, minha sogra me ajudou lá na pechincha. Nesse apartamento hoje mora uma filha minha (*Melina*).

Isso abreviou minha carreira. Eu fiquei três anos nos Emirados Árabes só como técnico. Eu parei de jogar e, quando voltei pro Brasil, já entrei no mercado de técnico. E foi difícil. Aí apareceu um cara que tinha jogado comigo, que era vice-presidente do Botafogo (*Botafogo de Futebol e Regatas, agremiação poliesportiva brasileira, com sede no bairro Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro*) e me deu uma chance de ser técnico do Botafogo. Fiquei de 1986 a 1992 no Botafogo e minha vida nunca mais parou. Nunca deixei de ser técnico desde 1970. Desde 70 até 2016, todos os dias eu fui técnico.

**Rafael** — Você sentia falta de ser um jogador?

**Alberto** — Não, não, não! Nunca senti falta de ser jogador. Porque a profissão de técnico me preenche demais. Eu sou muito pleno em ser técnico, eu gosto de ser técnico. Cada dia é uma novidade, cada dia são muitas pessoas, são muitas ações e sempre são surpresas... A competição da vida, né? Imagina se eu fosse técnico nos Estados Unidos! O reconhecimento que eu já deveria ter tido, eu nos Emirados Árabes, eu saí dos Emirados Árabes com muito reconhecimento: “Poxa, o *coach* Bial!” Nos Estados Unidos, com 64 anos, os técnicos são aposentados, com *lâurea (coroa de louros)*, tem estátua, tem casa. Aqui não tem porra nenhuma! Eu perco dois jogos, eu sou tratado como um *Zé Ninguém*, sou criticado. Então, é uma cultura esportiva que não existe no Brasil e eu abracei essa causa. Eu vou viver de ser técnico, mas fui o primeiro. Não teve um antecessor. Fui o primeiro cara que falou: “Vou viver de ser técnico de basquete”. Eu tive essa coragem. E vivo até hoje. E fiz no interior do Estado do Rio, fiz no Sul, fiz no Sudoeste, fiz nos Emirados Árabes, fiz aqui no Ceará. E tudo a partir de um tempo sendo empreendedor, eu não tenho um patrão, eu sou o dono. “Vou te contratar”, não, isso não me interessa mais.

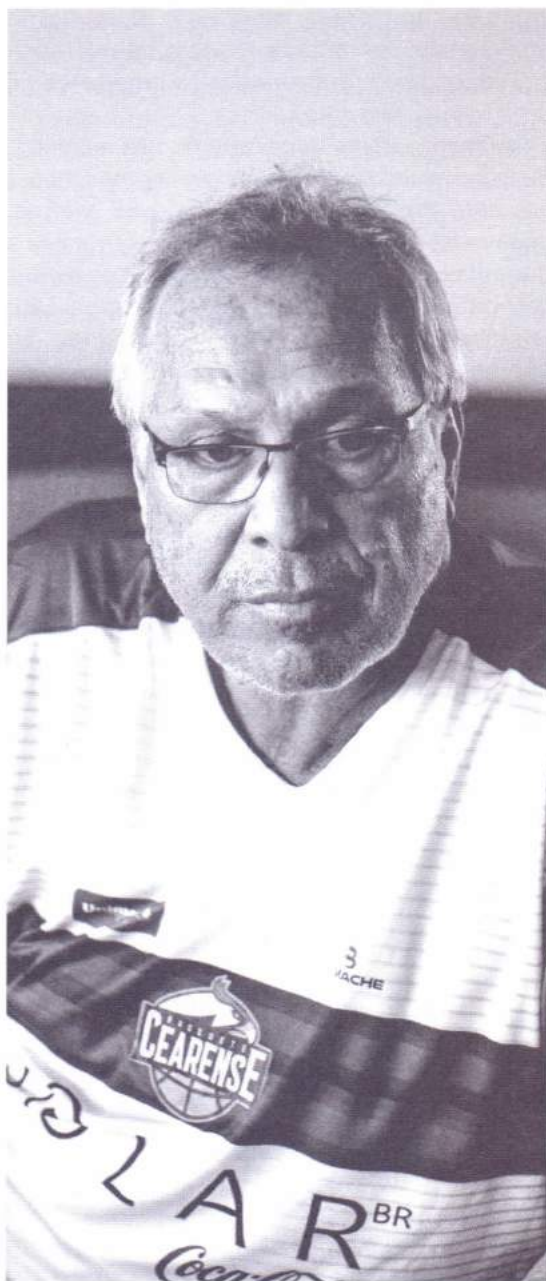
**Karine** — Você começou a ser técnico muito cedo, né?

**Alberto** — (*interrompendo*) Aos 18 anos.

**Karine** — ... Aos 18 anos.

**Alberto** — Isso!

**Karine** — E por algum tempo você foi jogador e técnico. Como isso o influenciou? Por exemplo, às vezes, quando você estava



---

“(...) O que eu mais gosto é de influenciar as pessoas, conduzir as pessoas a serem melhores, a entenderem que a vida é algo que não tá pronto, que a gente não pode ter certeza de porra nenhuma”.

---

Sarah e Alana prepararam o material de produção focando na origem e na evolução de Alberto como um grande líder.

No dia da entrevista, Alana, Sarah, Amanda e Iury pegaram carona com o professor Ronaldo ao som de Marisa Monte durante todo o trajeto. Iury tinha chegado ao Campi de bicicleta.



Ao final da entrevista, Alberto foi chamado para bater foto com a turma e com as produtoras. Para ficar bem ao lado da Sarah, ele teve de se abaixar por conta da grande diferença de altura.

jogando, conseguia analisar o time como um técnico, ou quando estava como técnico, conseguia compreender os jogadores de uma forma diferente?

**Alberto** — Não, é porque eu era técnico... Eu tinha muita saúde! Não parece, mas eu era um cara muito forte! Eu tinha 1,88 metros, pesava 82 quilos e eu acordava, começava a dar aulas às sete da manhã e acabava às dez da noite. E dava aula em cinco lugares. Isso contando com ser jogador e ser técnico. Eu não era técnico da equipe que eu jogava, eu era técnico das equipes de base. Por exemplo, no Flamengo, quando eu parei, eu era técnico da equipe sub-16 e sub-18 (*equipes com jogadores até 16 e 18 anos, respectivamente*), infante-juvenil e juvenil, e jogava no adulto. Alguns meninos do juvenil jogavam no adulto comigo. Mas, quando eu jogava no adulto, eu não tinha nada a ver como técnico, eu não me metia nas questões. Eu não me metia nas estratégias do "Pingo" (*Marcus Flávio Vasconcelos, ex-técnico de basquete de Flamengo, Fluminense e Tijuca Tênis Clube*), que foi um técnico que foi assassinado há pouco tempo, e do Guilherme Kroll, que

era o auxiliar-técnico. Eu apenas jogava, era o armador do time. Agora, no juvenil, no infante-juvenil, eu fazia os treinamentos, os horários, o planejamento. Sábado e domingo tinham jogos. Eu trabalhava de acordo com os horários, eu não misturava uma coisa com a outra. Como jogador, eu jogava, era uma coisa. Como técnico, eu adotava outro personagem, outra forma de agir.

**Sarah** — Alberto, você falou pra gente que seu pai faleceu em 1972.

**Alberto** — Isso. (Com) 44 anos.

**Sarah** — E você teve de se virar sozinho quando sua mãe voltou para a Alemanha. Teve de cuidar do Pedro e administrar a empresa do seu pai. No que essa situação atrapalhou a trajetória como técnico e jogador?

**Alberto** — Não, porque foi muito rápido. Eu consegui falir a empresa do meu pai em três meses. A primeira coisa que eu fiz... Meu pai tinha uma permuta com um alfaiate chamado Francesco, era o "ban ban ban", eu fiz um terno bordô e um terno verde, cores do Fluminense, né? (*risos dos entrevistadores*). Saí à luta para renovar os patrocínios, as propagandas. Porém, os meus dois concor-

---

**"Nunca senti falta de ser jogador. Porque a profissão de técnico me preenche demais. Eu sou muito pleno em ser técnico, eu gosto de ser técnico".**

---



Durante a entrevista, Alberto Bial prometeu dar de presente para as produtoras dois exemplares do diário de viagem que escreveu quando viajou para a China.

rentes — um era meu padrinho de batismo — viram que eu era muito novo para aquilo e eu era muito apressado (*apressado*) porque eu tinha de jogar — eu era atleta do Fluminense — e tinha de dirigir a equipe de minibasquete, então era meio atribulado o meu tempo. E eu não tinha “saco” pra fazer aquilo. Ainda coloquei minha mãe pra fazer isso. Coitada! Minha mãe ainda tentou um tempinho a mais. E ela ainda se associou ao maior inimigo do meu pai. Não esse bem-te-vi que era o meu padrinho, mas outro concorrente. Ainda ficou trabalhando pro cara um ano. Eu falei: “Meu pai deve estar dando pulos lá no céu”. Ela parou também e foi embora para a Alemanha. E ficou o Braz morando comigo lá. E foi um terror, né? Aquela vida de jovem, as mulheres todas procurando a gente, morando sozinhos em Ipanema... Eu tive... Eu fui um touro indomável nessa época (*risos*). Graças a Deus, apareceu a Leila na minha vida, anos depois, lá pra 1974 a Leila foi me acalmando, em 1977 ela ficou grávida e a gente casou.

**Alana** — Então a morte do pai e toda essa situação não atrapalharam, de fato, a carreira?

**Alberto** — Ela me deixou assim, totalmente transtornado, né? Ela me deixou... Como hoje. Porém, eu tenho 64 anos. E eu tô assim atordoado por ter visto o meu melhor amigo inerte no caixão. Eu tô assim: “Caralho, o Braz foi embora!” Eu não consigo ainda entender. Foi que nem a mulher dele falou: “Eu não sei por que aconteceu, não pode ser”. Mas naquela época eu tinha 18 anos, então, é diferente. Mas, por outro lado, acontecem muitas coisas na vida da gente e a gente acha que: “Não, porra, que merda, aconteceu isso comigo.” Quando passam-se anos, meses, a gente vê: “Ih, era para ter acontecido mesmo, foi o melhor”. Então, as memórias que ficam são muito boas, sabe? Porque meu pai era... Tudo que ele deixou pra mim, as coisas principais, são muito bacanas. Eu me lembro de, um dia, eu ter falado assim: “Foi mal, pai, desculpa aí.” (*E ele*) “Foi mal por quê? Por que você tá me pedindo desculpa? Você não fez nada de errado. Faça mais isso não, hein”. Foi uma coisa que ficou marcada. Nunca mais pedi desculpa pra ninguém sem que eu tivesse feito algo errado. São coisinhas pequenas que as pessoas vão nos passando. Mas a minha juventude foi muito atribulada. O esporte — o Fluminense — foi segurando ali e por pouco eu não virei um marginal.

**Rafael** — Bial, vendo a trajetória como treinador, eu percebi que você tem um longo espaço de tempo trabalhando com equipes. Passou longos anos com várias equipes nas quais trabalhou. Isso no Brasil é uma coisa bem utópica, né? Como é que você explica isso?

**Alberto** — Eu acho que o treinador que pula de galho em galho é ruim, porque ele não consegue dar um norte, implantar uma filosofia do que é o jogo de basquete. Jogo de basquete é uma coisa tão complexa. Eu não considero o jogo de basquete apenas um esporte. O basquete é uma filosofia de vida. E você pode, com o basquete, mostrar para os atletas, isso em alto rendimento — e também na base, só que de outra forma — passar um vídeo e falar: “Olha, nesse momento aqui, foi naquele momento que você teve um problema muito duro, muito sério. E você teve de resolver em fração de segundos. E a vida é exatamente assim”. Você recebe um telefonema ali e você tem de dar uma resposta naquele momento, uma resposta de acordo com que o coração está sentindo ali. Você não pode dar a resposta que você leu no jornal, que aconselharam — “Aguenta aí, aguenta aí, Sarah, o que é que eu...” (*encenando para exemplificar*) — você tem de responder exatamente aquilo que acha que é o que deve responder. E o jogo de basquete é exatamente assim. Primeiro, seja autêntico, seja verdadeiro. Não esconda as coisas, resolva seus problemas. O cara torce o pé, e fica escondendo, fica escondendo, escondendo; o pé vai piorando, piorando, piorando, quando se vai precisar do cara, você não tem o cara. Aí o cara — acontece muito no Brasil, os jogadores são muito mal formados — consegue, de uma maneira, ludibriar você e faz um contrato com você, assina o contrato, e a partir daí ele passa a ser outra pessoa. E o perturba, atrapalha todo o grupo.

Então, você tem de tomar muito cuidado com as pessoas que escolhe para fazer realmente um time poder viver essa filosofia que você tem. A filosofia que eu implanto no meu time é fazer o bem acima de tudo — fazer o bem faz muito bem —, amar o próximo acima de tudo. Amar é um sentimento que as pessoas não usufruem, as pessoas não sabem o que é amar, as pessoas *trepam*, *transam*, sem amar. As pessoas se relacionam, trabalham juntas, criam empresas, criando coisas incríveis... A tecnologia hoje tá criando o homem imortal, daqui a pouco, uns 50 anos, a imortalidade tá aí.

Tem um seriado aí... (*pausa*) *Black Mirror*. *Black Mirror* tá aí. Quer dizer, tá tudo aí e as pessoas esquecem que o amor é uma coisa que o homem sente, que existe, e eu faço questão que eles (*jogadores que ele treina*) passem a sentir isso um pelo outro. E os grandes executivos... Eu já trabalhei com Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense, Ajax (*Associação Atlética Goiana*), Universidade Salgado de Oliveira (*no Rio de Janeiro*), Bennett (*Instituto Metodista Bennett, no Rio*

Amanda, em um momento privado, confessou ter jogado três anos de basquete contra a vontade na escola. Ela queria mesmo era ter feito aulas de piano.

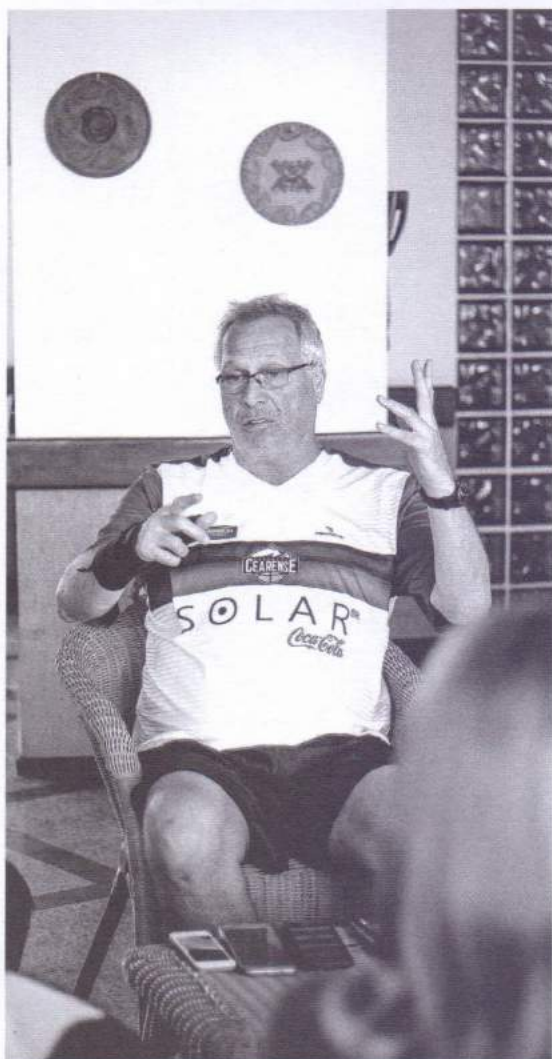
hális Braga, o presidente do Basquete Cearense e amigo de Alberto, também estava presente na entrevista e permaneceu bastante atento às respostas do entrevistado.



**“O que eu mais gosto é de influenciar as pessoas, conduzir as pessoas a serem melhores, a entenderem que a vida é algo que não tá pronto, que a gente não pode ter certeza de porra nenhuma.”**



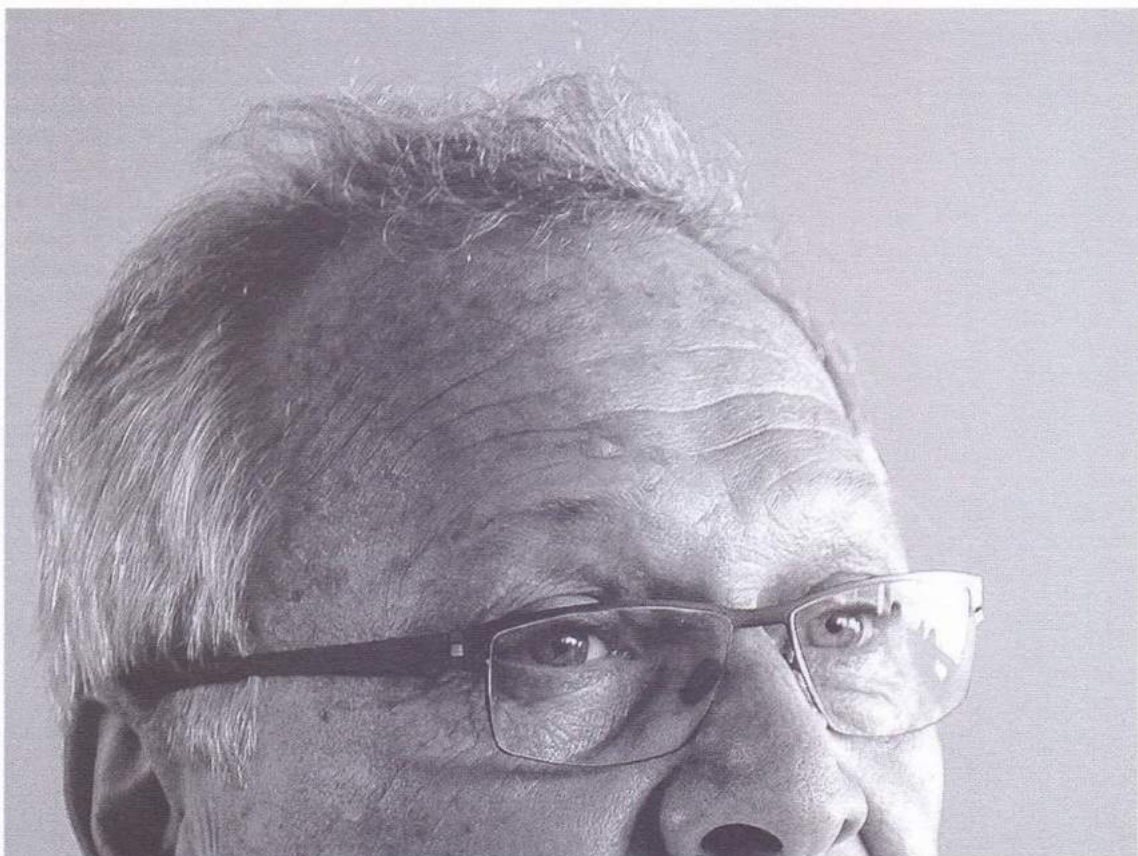
Antes de o nome do entrevistado ser somente Alberto Bial, havia o sobrenome Hanz — de origem alemã —, do pai, que foi retirado.



de Janeiro), Moacyr Bastos (*Universidade Moacyr Bastos, no Rio de Janeiro*)... Porra, eu já trabalhei com muita gente poderosa — já tive seleção de todos os tipos —, a maioria quer sugar o bagaço da laranja e não tá nem aí pra o ser humano. Quer o resultado, o número e esquece que todo mundo é gente e, se fizer isso, a única coisa que faz é acabar mais rápido com o planeta, com a subsistência de uma raça que é tão bacana. E eu acho que o basquete, o esporte e a forma de se relacionar entre as pessoas podem ser extremamente mais bem sucedidos quando a gente começa a abrir a cabeça, abrir a mente, se espiritualizar mais. Eu acredito muito que quem tem esse dom... Eu sei que eu tenho esse dom, eu nunca exercitei, já li de tudo, já fiz mapa astral, eu vou à missa, rezo, fui ao candomblé, fui a tudo que você pode imaginar, minha mulher fez operação espiritual. Agora, a operação que fez efeito foi uma ultramoderna, a gente gastou os tubos (*de dinheiro*) e eu estive com ela nesse fim de semana e ela está sem sentir dor de uma doença incurável, que se chama neuralgia do trigêmeo (*distúrbio nervoso que provoca uma dor lancinante na região do rosto, por onde passa o nervo trigêmeo*).

Agora, eu parei de beber, eu fiz um monte de promessa... O que foi que fez ela recuperar? Foi a minha fé? Foi a fé dela? Foi a radiação? Os mistérios são muitos. O Cortella (*filósofo Mario Sergio Cortella*) fala assim: "A

No mesmo dia da entrevista, Alberto tinha chegado, pela manhã, da ida ao Rio de Janeiro, onde foi assistir ao sepultamento de um amigo dele de infância.



gente sabe alguma coisa, muito pouco, de um pouquinho de alguma coisa, mas tem tanta coisa pra gente saber, que a gente não sabe nada de nada". Então, é muito bom a gente reconhecer isso e procurar saber um pouquinho só daquilo que a gente se interessa. Mas há algo muito maior aí que a gente pode...

**Sarah** — (*interrompendo*) Alberto...

**Alberto** — (*interrompendo*) Desculpa, que eu tô saindo do assunto (*risos*).

**Sarah** — Depois que você foi técnico do Joinville, passou alguns meses sem treinar nenhum time, um período sabático. Qual foi o motivo dessa escolha?

**Alberto** — Foi assim: eu chamei — mais ou menos como o Thalís (*Thalís Braga, presidente do Basquete Cearense*) — duas pessoas para trabalhar comigo porque eu sou gestor, mas eu não sei mexer com números e sou péssimo para criar estatutos e criar a administração do negócio. Então, eu sou muito bom para visualizar, dizer como eu gosto de fazer, mas colocar isso em prática eu não tenho essa capacidade. Eu chamei duas pessoas para fazer isso e assinei e deixei na mão delas. A coisa criou um vulto enorme, ganhou um valor enorme e elas me passaram a perna. E, quando me passaram a perna, me machucou muito. Eu assinei entregando isso e perdi por volta de 500 mil reais. Pra mim, pouco se dane porque dinheiro... Mas foi muito dinheiro, na época, e abandonei o time que eu formei.

Eu ajudei a formar o Joinville durante sete anos de muita labuta, eu captei todos os patrocinadores, foram muitos milhões pra fazer aquilo. E eu falei: "Nunca mais vou trabalhar com isso. Vou fazer algo bem pequenininho, meu com a minha filha..." E o SporTV (*canal de televisão por assinatura brasileiro*) me chamou para trabalhar como comentarista. "Vou ficar como comentarista, salariozinho merca, continuar trabalhando na Marinha..." E desisti de ser técnico. Mas sou palestrante e continuei a vender as palestras. Minha filha (*Melina*) continuou a vender as palestras sobre relações humanas. Uma das palestras foi aqui no Ceará. E eu olhei e falei: "Caraca! Isso aqui é um deserto. Isso aqui dá pra plantar o basquete" — eu já *tava* a fim de fazer basquete. Eu conheci o Cid Gomes (*ex-governador do Ceará*), falei: "Porra, você tem um troço aqui e eu consigo colocar na Liga Nacional, eu consigo arrumar um patrocinador, você entra com 50%, Cid?" (*Cid disse*): "Se você trouxe do Sudeste 50%, eu boto 50%".

Ele chegou um dia no Rio, me ligou: "Eu tô aqui no (*Aeroporto*) Santos Dumont, você pode vir aqui agora?" Eu fui com o cara da Sky (*empresa de televisão por assinatura via satélite*) e fechamos o negócio. Levou mais

nove meses e dia primeiro de julho de 2012 a gente criou a Associação de Basquete Cearense, não da maneira que eu queria. E fui ajustando, conheci o Thalís. Criei isso, mas (*pensava*): "Vai acontecer a mesma coisa que aconteceu em Joinville, eu não posso cometer o mesmo erro duas vezes, que eu vou ter de botar duas orelhas enormes. Eu não sou inteligente, mas não quero ser tachado de burro". E hoje, o Basquete Cearense tá limpo, bonito, do jeito que eu gosto, bem administrado, contabilidade, administração, tem a parte de fisioterapia e academia, tudo como eu acho que deve rodar. Lógico que falta muita coisa. Fazer basquete no Ceará é algo — eu diria — quase milagroso, revolucionário. A gente faz das tripas coração pra um dia ser um campeão brasileiro, que é o meu sonho. Enquanto eu não for campeão brasileiro, eu não vou desistir do projeto.

**Ingrid** — Alberto, qual a maior dificuldade de implantar o basquete aqui no Ceará, um esporte que não é o futebol, esporte mais valorizado aqui no Brasil?

**Alberto** — O basquete tem várias etapas. A primeira etapa é o nascimento. Quando uma pessoa nasce, você já tem de colocar aquilo no imaginário do recém-nascido. Quando ele tem três, quatro anos, ele já tem de brincar com um monte de crianças, com umas tabelinhas baixinhas, umas bolinhas, com professores capacitados. Isso tudo eu não consegui fazer. Com sete, oito anos, ele já tem de bater bola e ter muita brincadeira em vários espaços. Só alguns colégios fazem isso. E ainda de forma precária. E aos dez, 11, 12 anos, que é o minibasquete — é o que eu amo, foi onde eu comecei — ele tem de começar a jogar já com os fundamentos da vida — aqueles que eu falo que viram uma filosofia —, junto com os fundamentos do jogo, que são extremamente complexos, tanto quanto a vida. E aos 14 anos, ele já tem de estar competindo (*com tom entusiasmado*). O basquete aqui no Ceará começa aos 15 anos (*com tom decepcionado*).

A Solar (*o segundo maior fabricante do Sistema Coca-Cola no Brasil*) me dá dinheiro para eu fazer um time de alto rendimento e me cobra que eu seja campeão, com um valor muito menor que o dos outros times. E eu não posso reclamar da Solar porque ela faz um investimento no Nordeste que ninguém faz, em esporte. O prêmio que eu vou ganhar hoje (*prêmio da tradicional Noite das Personalidades Esportivas, evento promovido pelo jornalista Sérgio Ponte e pela Rádio O Povo/CBN*) é de melhor técnico de esporte amador. De amador não tem nada! O basquete na Europa (*movimenta*) bilhões de euros, bilhões! Na América do Norte, bilhões de euros (*ele*

Karine ajudou a produção a entender alguns termos técnicos utilizados no basquete, na hora da decupagem da entrevista e no processo de redação final e edição.

A varanda do prédio de Alberto Bial tem uma belíssima vista para a Avenida Beira Mar, a qual ele aprecia muito, principalmente quando do pôr do Sol.

No dia da pré-entrevista, Alberto convidou as produtoras para participarem de uma ação solidária de Natal, que seria realizada no bairro Titanzinho.

quer dizer dólares). O técnico de basquete na Europa é tratado com tapete vermelho, ele tem uma sala com todos os arquivos, jogador entrou ali dentro já sabe que o fígado dele vai sair de lá frito! É um espetáculo! O basquete é o esporte mais rico, ele movimenta mais grana que o futebol, ou quase. E, aqui no Brasil, nós só temos o NBB, esse campeonato que nós jogamos. E o Ceará é o que menos tá envolvido da forma como se faz em São Paulo, Rio de Janeiro.

**Karine** — Apesar de todas essas dificuldades que passou desde o começo e vem passando ao longo dos anos, você tá percebendo o aumento da torcida aqui no Ceará?

**Alberto** — A torcida é muito pouca. Mas o que eu percebo é que eu vou ao Titanzinho — eu fiz a nossa festa natalina (*do Basquete Cearense*) no Titanzinho (*praia em Fortaleza, constituída por uma comunidade de famílias de pescadores, mais carentes*) —, eu vou à Barra do Ceará (*bairro de importância histórica para Fortaleza*), eu vou ao Barroso (*bairro mais na periferia de Fortaleza*), eu vou aqui à (*Avenida*) Beira Mar e em todos os lugares aonde eu vou, eu sou extremamente conhecido. Eu vou ao (*Colégio*) 7 de Setembro, eu vou ao (*Colégio*) Christus, e todos entendem o que tá acontecendo com o basquete. E eu vou pra Quixadá, Aracati, Cariri, Crateús, Juazeiro (*do Norte, municípios e uma região do interior cearense*)... Dos oito milhões de pessoas que moram no Ceará, eu acho que 90% sabem que o basquetebol existe.

Agora, como fazer isso funcionar de uma maneira que vire uma cadeia produtiva que faça com que as jovens, que as futuras gerações, façam o basquetebol ser realizado da forma como tem de ser, precisa ter uma organização, algumas entidades, uma entidade e um investimento, não público, e não pode ser a Solar também porque ela se dedica ao alto rendimento e não é muito dinheiro. Eu já capacitei, no mínimo, aqui, 120 professores. E 120 professores são capazes de disseminar isso. Agora, tem de ser dentro das escolas,

---

**“Fazer basquete no Ceará é algo, eu diria, quase milagroso, revolucionário. A gente faz das tripas coração pra um dia ser um campeão brasileiro” (...)**

---

Alberto disse que, na pré-entrevista, a pergunta que mais o emocionou foi feita pela Sarah sobre ele ser uma referência para o esporte brasileiro.

tem de montar tabelinhas pequenas, bolinhas. Eu compro aquela bola de iniciação por 30 reais, 30 reais o cara compra uma dose de uísque. Então, o basquete para ser disseminado de verdade tem de ser na base. Se não houver uma recomposição, não vai adiantar nada; a gente vai ficar importando e fazendo alto rendimento, que já é legal pra burro porque o Ceará já é visto de outra forma. Eu não tenho a menor dúvida. Nós somos um esporte e o esporte é uma coisa simples, mas é uma coisa muito forte. Arrebatadora, extraordinária, vital (*ênfase*)! Sem o esporte não há vida. A vida exige essa energia que o esporte contagia.

**Rafael** — Falando nessa questão nacional, a NBB veio meio que como um projeto para profissionalizar...

**Alberto** — (*interrompendo*) A NBB?

**Rafael** — A NBB.

**Alberto** — Essa foi sensacional!

**Rafael** — Mas, após a NBB, a gente recebe notícias até catastróficas em relação a basquete. Por exemplo, em relação ao campeonato carioca, que terminou em WO (*termo do esporte advindo da palavra inglesa walkover, significando vitória fácil, pela ausência de um dos competidores na disputa*). Tem a questão das confederações brasileiras, proibidas de participar de competições internacionais. Qual a relação da NBB nesse cenário?

**Alberto** — Nenhuma. A CBB (*Confederação Brasileira de Basquete*) é o órgão máximo que regula o basquetebol brasileiro e esse órgão tem 27 federações estaduais, que votam para ela ter o gestor. A gente vive através de um dinheiro que vem na NBA (*Associação Internacional de Basquete*), que acredita que a NBB (*Liga Nacional de Basquete*) é um produto de valor. O Brooklyn Nets (*equipe de basquetebol da NBA, situada em Brooklyn, Nova Iorque*) está me chamando agora pra ser um agente deles, mas não combina eu como técnico ser um (*agente*).

**Alana** — Você passou os dois primeiros anos com contrato com o Governo do Estado (*do Ceará*), com patrocínio da Sky, mas, depois que esse contrato acabou, não quis mais essa parceria, certo?

**Alberto** — Não quis! Não quis nunca mais trabalhar com o poder público.

**Alana** — Pois é... Você não imaginou que seria impossível dar conta de um projeto grande sozinho?

**Alberto** — Eu não sou uma pessoa que possui bem suficiente para fazer sozinho. Então, o terceiro ano nós fizemos com o que sobrou, adaptamos e vimos o que a gente podia fazer; porque tinha o sub-22 (*time formado por homens de até 22 anos de idade*), que para nós era muito importante, ganha-



Depois da entrevista, encerrada antes das 17 horas, uma parte da turma foi à Pizza Hut da Avenida Beira Mar, numa espécie de confraternização pela realização da última entrevista desta edição.

mos o campeonato sub-22 e a Liga Nacional de Basquete (NBB) ficou quase que à parte. Jogamos o NBB mais para participar, para não ficar de fora. Aquele terceiro ano foi apenas pra se manter dentro da competição e lutando pela captação de um grande patrocinador. Foi aí que surgiu a Solar.

**Sarah** — Alberto, você é filho de pais imigrantes que fugiram da Segunda Guerra Mundial pra cá (*Brasil*) e falou pra gente que teve uma educação diferente, *né*? Justamente por esse motivo. Há algo que aprendeu com seus pais que traz — já citou algumas coisas —, mas algo que você trouxe para a quadra, por exemplo?

**Alberto** — Sim! (*silêncio curto*) Eu acho que a educação é essencial para ter um bom relacionamento. Eu, quando cheguei ao Fluminense (*time do Rio de Janeiro*), com sete anos, eu ia a cada pai na arquibancada e a todos os técnicos em volta da piscina e cumprimentava a cada um e isso se tornou de praxe na minha vida. Hoje, quando você chega a qualquer treinamento (*de basquete*) da minha equipe, todos os jogadores e a comissão técnica se cumprimentam entre si, todo mundo se cumprimenta: “Boa noite, bom dia, boa tarde!” Eu acho isso muito saudável. A gente sofre muito no Brasil por falta de educação. Muitas vezes a gente fala assim: “Ah! quem cedo madruga, leva vantagem”. Eu vejo chefe sempre chegar meio dia e a gente chega lá quatro horas, cinco horas da manhã, continua sempre trabalhando mais e ganhando menos e o chefe chega lá *tardão*, não cumprimenta ninguém, peida cheiroso,



Já o ponto de encontro da turma, antes da entrevista, foi o Supermercado Pão de Açúcar da Avenida da Abolição. O professor Ronaldo, que deixou o carro no estacionamento do supermercado, pagou R\$ 30,00.



No mesmo dia da entrevista, Alberto ganhou o prêmio de Destaque do Esporte Amador, na Noite das Personalidades Esportivas do Ceará, evento que já é tradição em Fortaleza.

come rosas e é um mal educado.

Hoje, com o *WhatsApp* (*aplicativo para envio de mensagens instantâneas*), as pessoas são mais mal educadas ainda. Porque não dão nem bom dia! Já falam assim: "Porra! como é que perdeu esse jogo? Você tá muito aquém do que eu esperava". Isso é educação? Ou educação é você falar: "Bom dia! como é que foi o jogo? O que houve que vocês perderam novamente?" Eu acho que a falta de educação não permite uma série de coisas que a gente precisa para um bom relacionamento humano.

Os alemães são um povo muito bem educado. Eu sinto que, até hoje, a minha mãe (*Suzane Bial*) traz o trauma de ter ouvido lá em sala de aula: "Heil, Hitler!" (*saudação nazista*). Ela é traumatizada com isso. Mas ela, por outro lado, trouxe uma coisa legal: conta histórias, tem uma boa educação e transmitiu isso pra gente e para os meus irmãos. Não é só deixar a mulher passar na frente, ou sentar primeiro e *tal...* Mas é ter o dom de se colocar no lugar do outro. Eu acho que o hábito de cumprimentar é algo muito saudável.

**Sarah** — A gente conhece a família Bial por torcer pelo Fluminense. Você falou até que Nelson Rodrigues (*jornalista, escritor e dramaturga brasileiro*) escrevia crônicas sobre a família Bial. Lembra qual foi o primeiro jogo que vocês puderam ir juntos?

**Alberto** — Foi Fluminense e Vasco (*ambos times da cidade do Rio de Janeiro*), 4x1, no Maracanã (*maior estádio do Brasil*), na noite de 1959. Eu tinha sete anos. Fui eu, meu pai e minha mãe. Não foi a família toda. Minha irmã detestava ir e meu irmão foi poucas vezes. Tem uma história muito legal que o Pedro (*irmão*) conta quando eu fui homenageado lá em Brasília (*distrito federal*), no Congresso Nacional, quando o Fluminense fez 100 anos. Eu ganhei um prêmio por ser Fluminense. Tem uma fala do Pedro que, em 1971, o Fluminense foi jogar em Campo Grande (*bairro de classe média do Rio de Janeiro*) e não mais tinha lugar pra gente assistir ao jogo. Tinha lá: "*Títulos de Sócios patrimoniais do Campo Grande*". Então, meu pai comprou cinco títulos e nós fomos assistir lá na tribuna de honra do Campo Grande, eu, meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã. E o ataque do Fluminense fez 5x1, três gols de Rinaldo e dois do Suingue, que tinham vindo do Palmeiras (*time de futebol de São Paulo*).

**Rafael** — Seus pais gostaram do fato de você querer seguir carreira de esportista?

**Alberto** — Meu pai amava! Meu pai era um louco, um louco por esporte! Meu pai adorou, adorou, adorou! Ele era ciclista na Alemanha. E eu andava em Teresópolis (*mu-*

*nicipio do Rio de Janeiro*) de bicicleta com ele. Ele acompanhava todos os meus jogos, todos. E no primeiro jogo (*de basquete*) que ele não foi assistir, eu olhava *pra cima* (*para a arquibancada*) e jogava chorando. Joguei o jogo Fluminense x Tijuca todo chorando.

**Alana** — Você acha que o apoio da família foi decisivo para você continuar? Sentia que esse apoio era necessário para dar motivação? Ou acha que teria ido também se eles não tivessem apoiado?

**Alberto** — Não, não. A motivação eu tive a certeza que não. A motivação vem de dentro da gente. Mas foi muito importante porque, quando o pai e a mãe vibram com o seu sucesso, quando eles acompanham o que você tá fazendo, é muito legal. Eu vejo pela minha neta (*Alice, filha de Melina*), que a minha filha a trata muito bem. Ontem, eu fui para uma apresentação dela de balé. Pra quem que ela ficava o tempo todo olhando? Pra mim. De tarde, quando eu fui ao enterro (*do Braz, melhor amigo*), a minha filha (*Melina*) sentou em outro lugar e a minha neta ficava procurando, ela terminou a apresentação assim (*com semblante de choro*) porque ela queria saber onde *tava* a mãe dela. Então, é muito legal quando os pais dão atenção ao que o filho faz, em qualquer idade. Eu ligo pra minha mãe dia sim, dia não: "Como você tá, mãe? Tá tudo bem?" Ela tem 92 anos, eu tenho 64. E no dia em que o Braz morreu, eu mandei um zap (*expressão que significa mensagem no WhatsApp*) e ela perguntou se *tava* tudo bem, eu disse que não *tava* tudo bem, não. E ela: "Vou te ligar". E eu disse: "O Braz morreu". Fez aquele silêncio e ela falou: "Onde é o enterro?" Eu falei: "São João Batista" (*cemitério municipal do Rio de Janeiro*). Ela tem uma telepatia. 64 anos de amizade, né?

**Sarah** — E na tua trajetória, Alberto, quais técnicos te inspiraram?

**Alberto** — (*Silêncio, pensativo*) Olha, o técnico que mais me inspirou foi o *seu* Orlando Gleck, esse aleijadinho que me ensinou a jogar basquete. Ele era uma pessoa muito fofa. Quando ele morreu, eu fui ao enterro e a mulher dele falou assim: "Bial, vamos até lá em casa, que ele queria muito que você ficasse com os livros dele". E eu fiquei com medo, fiquei com medo de ir à casa dele, medo de criança, não fui. E o outro técnico que me inspirou muito foi Phil Jackson (*ex-jogador e ex-técnico americano*), que foi o técnico do Michael Jordan (*ex-jogador norte-americano de basquete*) e escreveu o livro *Cestas sagradas* (1997) — até hoje eu tenho esse livro aqui, mas ficou na minha mesa de cabeceira durante anos.

**Rafael** — Tem duas escolas que, de certa forma, dominam o mundo do basquete, que

Alberto é irmão do Pedro Bial, jornalista da TV Globo, de quem Alberto tem orgulho pelo trabalho de correspondente internacional que Pedro Bial realizou durante vários anos na Europa.

são a Escola do Leste Europeu e a Escola dos Estados Unidos. Você, como jogador e como técnico, qual dessas escolas o inspira mais?

**Alberto** — Hoje, eu sou totalmente inspirado pela da Europa. A Europa é que norteia o meu trabalho. Eu estou há uns três, quatro anos sem ir à Espanha, mas eu fiquei uns quatro, cinco, seis anos indo. Anteriormente, eu ia todos os anos aos Estados Unidos da América. Porque a gente não tem como se reciclar, a gente só tem como estudar. Este ano, por exemplo, teve um curso que a NBB deu, um curso fabuloso, que veio técnico do Autran State (*Estado do Texas*), veio um técnico Sérvio, veio outro argentino. Aqui no Brasil, no meu quintal. Foi a primeira vez em 50 anos.

**Rafael** — Qual teu maior ídolo entre os jogadores?

**Alberto** — Jogador? (*silêncio, pensativo*) Michael Jordan. (*risos*).

**Rafael** — (*interrompendo*) Não tem como explicar, né?

**Alberto** — Não tem, não tem... (*fazendo o gesto com a cabeça*) Ele tinha uma aura, né? Ele jogava muito bonito, bonito demais! Chegou esse menino que chega perto dele: o LeBron James (*jogador de basquete norte-americano*), acho que é melhor do que ele. Mas eu acho que o Steph Curry (*jogador de basquete norte-americano*) tem um troço meio mágico, também. Mas o LeBron ainda é muito melhor do que ele.

**Maurício** — Só pra esclarecer o que você falou sobre o seu técnico: do que você teve medo de buscar os livros? Qual foi o medo exatamente?

**Alberto** — (*interrompendo*) Foi terrível, foi terrível...

**Maurício** — Mas era questão de alma? (*risos da turma*)

**Alberto** — Foi uma fobia de alma, de alma. Porque eu sempre chegava embaixo da casa dele (*Orlando Gleck*), o táxi parava e eu nunca subia. Ele falava: "Vamos subir, tomar um café." Eu nunca subia. Eu tinha tanto respeito por ele. Ele dava treino de terno, gravata e uma bengalinha. (*Silêncio curto*). E eu do lado. Pintava e bordava (com ele). Na hora do jogo, do treino, eu era impossível, mas no tempo que eu andava com ele da quadra até a portaria e entrava no táxi, eu era super-respeitoso. Mas na hora que ela (*esposa de Orlando*) falou assim: "Vamos lá pegar os livros", eu: "Tá, tá, amanhã eu passo lá". Mas foi um medo infantil, de alma (*fantasma*) mesmo, de entrar no desconhecido.

E eu não acreditava em estudo nessa época, fui acreditar em estudo quando eu conheci os iugoslavos (*nascidos na Iugoslávia*), nos Emirados Árabes (*país árabe*),

quando o sheik perguntou: "Onde você quer fazer o *camp* (*evento realizado para difundir e ensinar determinado esporte*)? Eu falei: "Belgrado (*capital da Sérvia*), Zagreb (*capital da Croácia*)". E o sheik falou: "O *camp* esse ano vai ser no Brasil". Eu falei: "Porra! Tá bom!" O *camp* trouxe Futebol, Basquete, Tênis de mesa, trouxe todo mundo *pro* Brasil e olha que os Emirados Árabes eram longe do Brasil, naquela época. Não é que nem hoje que você pega um avião, vai direto pra Dubai (*maior cidade dos Emirados Árabes*). Naquela época, você ia para Paris (*capital da França*), dormia lá, ia para Dubai e era longe pra caramba!

**Alana** — É sobre isso que eu quero perguntar mesmo: porque você foi técnico de lá, nos Emirados Árabes, em 1983, né? E teve contato com muitos técnicos. O que mais você aprendeu com esses técnicos iugoslavos, europeus?

**Alberto** — Eu aprendi que não sabia nada. Aprendi que eu era um ignorante no basquetebol. Que os iugoslavos estavam anos-luz na frente. Eu fiquei amigo de uns iugoslavos e um americano técnico da seleção nacional que me colocou como técnico da seleção sub-15 (*para jogadores de até 15 anos*). Eu comecei a aprender um pouquinho mais do que era o basquete. Quando voltei *pro* Brasil, em 1986, eu já *tava* com uma bagagem maior, fui desenvolvendo: comecei a estudar mais e descobri que o basquete era um pouquinho mais do que eu achava que era. Eu aprendi muito com a escola iugoslava, que é a escola que domina o basquete europeu.

**Ingrid** — Alberto, a gente leu no material de produção, que você tem muito essa questão de se inspirar em lideranças e quer ser uma liderança para outras pessoas. Quais são as lideranças fora do esporte que mais o inspiram?

**Alberto** — A principal liderança que me-xeu comigo, logo de cara, foi Dalai Lama (*líder religioso do Budismo Tibetano*), eu fiquei muito absorto. Depois o (*Mahatma*) Gandhi (*um dos idealizadores do Estado Indiano*), eu li muito o Gandhi. A ida dele para a Europa, depois a ida para a África do Sul, a revolução que ele fez na Índia, um grande líder, né? (*Nelson*) Mandela (*ex-presidente da África do Sul e militante da causa negra*), li tudo sobre Mandela. E os líderes esportivos: o Phil Jackson, o meu amigo Bernardinho (*treinador do voleibol brasileiro*), que é um pouco mais novo do que eu e é a minha liderança nata, né? Eu sempre fui um líder nato. Eu li *O Monge e o Executivo* (*de James C. Hunter, 2004*) e vou vendo de que forma eu posso exercer essa minha liderança baseada na simplicidade. Sempre me colocando abaixo do lidera-

Atualmente, a mãe de Alberto, Suzane Bial, tem 92 anos, e é psicanalista freudiana. Segundo Alberto, eles se falam quase diariamente por telefone.

Alberto morou no Rio de Janeiro desde criança, mas, na verdade, ele nasceu em São Paulo. A família mudou-se para a cidade maravilhosa quando ele tinha dois anos de idade.

Por ter pais alemães, Alberto sofreu algumas importunações quando era criança. Os colegas de escola falavam palavras como "nazista", "mata judeu", "Heil Hitler" para se referir a ele.

**"Olha, o técnico que mais me inspirou foi o seu Orlando Gleck, foi esse aleijadinho que me ensinou a jogar basquete..."**



do. Porque os líderes do meu tempo (*refere-se à época de jogador*) agiam de forma triste: era botar de castigo, era ajoelhar no feijão-zinho, berrar, tratar mal, não cumprimentar. Os técnicos que eu tive, tirando o seu Gleck, eram péssimos! Eles não cumprimentavam ninguém, falavam com um ou dois craques do time e não falavam com mais ninguém. Então, eu me inspiro muito em algumas lideranças mundiais e me inspiro em outros líderes, como meu pai e a liderança que dei na minha família. Eu tenho duas filhas que são orgulhosas de mim. Eu acho que fiz uma liderança legal com elas.

**Maurício** — Qual foi o momento que notou e descobriu essa liderança nata que você tinha?

**Alberto** — Ah! Foi muito pequeno. Teve uma viagem uma vez, na colônia de férias, do Santo Inácio, que teve um prêmio *pro* melhor amigo da turma e eu ganhei o prêmio. Ali eu me toquei, não que eu era um líder, mas era um cara querido pelos outros.

**Rafael** — Você disse que tá com um convite para trabalhar pelo Brooklyn Net da NBA...

**Alberto** — (*interrompendo*) O Brooklyn Net me procurou agora nos últimos dias. Um cara que era candidato a presidente do Fluminense me passou um *e-mail* querendo que eu trabalhe como detector de talentos. Mas eu como técnico já fui chamado várias vezes pra fazer isso, chama-se "mercador de escravos" e eu não me sinto apto para fazer isso.

Mas o Basquete Cearense é um braço que a gente pode ter, eu acho interessante.

**Alana** — Você foi pra China e falou do diário (*que escreveu*)...

**Alberto** — (*interrompendo*) Ah! Eu vou ter de te mostrar o diário da China. Posso ir lá em cima (*no apartamento dele*) pegar?

**Alana** — Pode!

(*Alberto foi ao apartamento dele e voltou com dois exemplares depois de alguns minutos*)

**Alberto** — Eu escrevi um diário na China, meu amigo Thális (*que também estava no momento da entrevista*) encadernou e ele ficou bonitinho. Não é nada demais não, é só um "minibook". (*risos*)

(*Alberto mostra o diário aos entrevistados*)

**Rafael** — Bial, qual foi a maior frustração que você teve na carreira profissional e qual foi a maior alegria?

**Alberto** — (*silêncio de alguns segundos*) A frustração foi a saída do Joinville (*time de Santa Catarina*), essa rasteira lá, isso me machucou muito... Foi muito chato! Traição é a pior coisa do mundo. E era mentirinha, atrás de mentirinha. E a maior alegria pra mim é o Basquete Cearense. Já vim (*para o Ceará*) em uma idade de plena maturidade, né? E tive uma dificuldade ímpar, feito a quatro mãos, não posso dizer que foi a seis, a oito, ou a dez. Foi a quatro mãos. Foi muito difícil ser feito e, quando eu vejo o retorno e o

O pai de Alberto era filho de mãe judia, sendo, portanto, judeu por herança. Mas ele não levou a religião para a própria família. Alberto, inclusive, foi matriculado em escola católica.

“Eu aprendi que não sabia nada. Aprendi que eu era um ignorante no basquetebol. Que os iugoslavos estavam anos-luz na frente.”



No início da carreira como jogador, Alberto usava cabelo grande e o amarrava em um rabo de cavalo para jogar. Ele, também, se intitulava como rebelde sem causa.

respeito que foi adquirido por algumas partes, a gente nunca imaginava que pudesse ter acontecido dessa forma. Mas teve uma coisa que eu nunca imaginei que tivesse... Vi o desrespeito por ser alemão, a questão dos muçulmanos também, mas eu não sabia que existia um desrespeito tão grande com os nordestinos. Eu vivi com catarinenses, vivi no Centro-oeste, vivi no Sul, mas eu não sabia que era tão desmedida a discriminação dentro do próprio Brasil. Essa burrice enorme que existe. Eu me tornei nordestino, enquanto tem uma *porrada* de nordestinos que nem se tocam que são nordestinos. Essa diferença que fazem do Norte para o Nordeste, para o Centro-oeste, para o Sudeste, eu acho uma grande ignorância.

**Alana** — Antes de a gente passar para o terceiro bloco, queremos pontuar um momento específico da sua vida. Na pré-entrevista, você contou sobre a juventude, que foi em 1968...

**Alberto** — (*interrompendo*) Mil novecentos e sessenta e oito foi o ano mais louco da minha vida!

**Alana** — E nessa época você tinha 16 anos...

**Alberto** — (*interrompendo*) Dezesseis anos, mas era um homem.

**Alana** — E esse foi justamente o ano em que a ditadura se tornou mais opressora, com o decreto do AI-5 (*ato institucional emitido pelo governo militar brasileiro*). E a

gente ficou curiosa para saber se você lutou contra a ditadura (*no Brasil*).

**Alberto** — (*interrompendo*) Eu tava na Cinelândia (*Centro do Rio de Janeiro*) quando tava lá o caixão do Edson Luís (*estudante morto em 1968 pela ditadura militar*) e o Vladimir Palmeira (*político brasileiro*) estava fazendo os discursos. Eu comprei uma garrafa de batida de limão, comecei a tomar a batida, eu e Brás; aí vinha a cavalaria lá, deram bolinha de gude *pra* gente, a gente pegou a bolinha de gude e *tráá!* (*se levantando para fazer o gesto de jogar as bolinhas em direção aos cavalos dos militares*). Os cavalos ficaram pulando e eles falavam: “Vamos lutar contra a ditadura!” Tinha lá a foice e o martelo (*símbolo do Comunismo*). E eu: “Aaahh!” (*demonstrando animação*). Eu nem sequer sabia que a foice e o martelo eram os símbolos do Comunismo. (*risos*). Eu fui seguindo o trajeto do caixão até o (*cemitério*) São João Batista. O cara tinha sido morto no Calabouço (*Restaurante Central dos Estudantes no Rio de Janeiro, conhecido por esse nome, nas décadas de 1950 e 1960*), não tinha a mínima ideia do que *tava* acontecendo ali, fui dali pro Fluminense treinar basquete. *Tava ali fazendo uma revolução sem saber o porquê.*

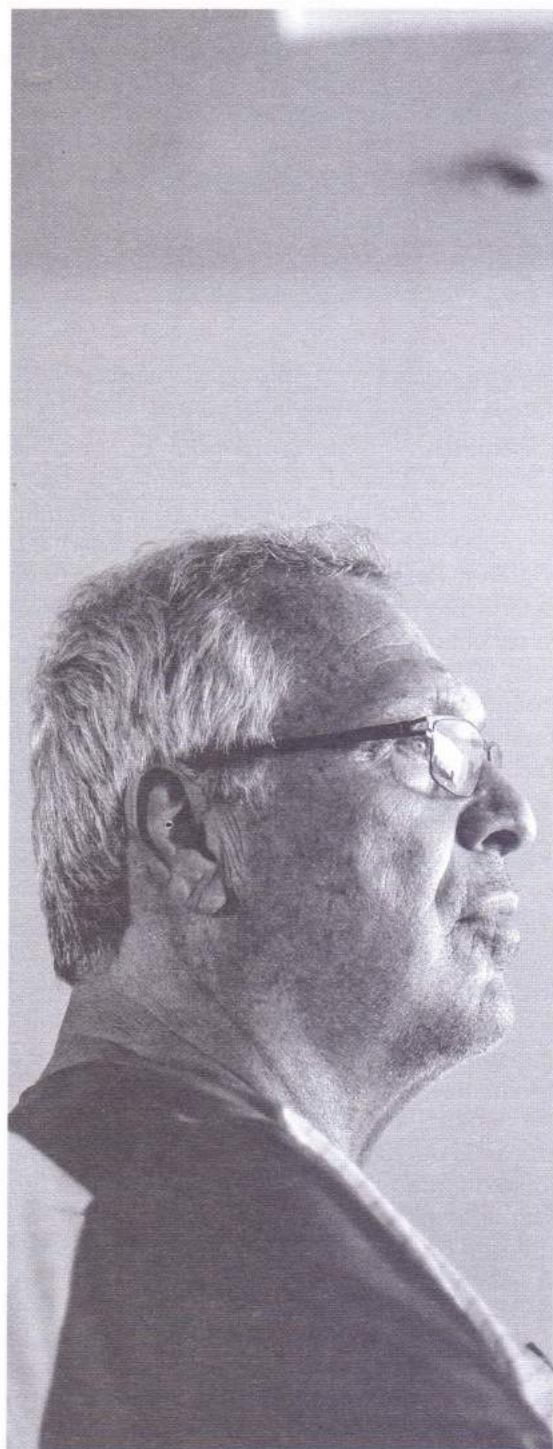
**Alana** — Você disse que foi preso. Foi nessa época?

**Alberto** — (*interrompendo*) É eu fui preso. Foi nessa época sim. Eu fui preso porque eu tava numa boate no Fluminense, eu e ou-

Alberto entrou para a faculdade de Educação Física, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aos 18 anos e era o melhor aluno. Ele conta que o curso, na época, era coisa de vagabundo, de quem não dava certo em mais nada.

Alberto costuma visitar todas as escolas em que a neta, Alice, estuda, no Rio de Janeiro, para ensinar às crianças os princípios do basquete. Ele defende que o basquete deve ser apresentado às pessoas o mais cedo possível.

“(...) Se pelo menos uma das pessoas com quem eu trabalho veja em mim algo positivo e leve isso adiante, é possível que isso vá se proliferando de uma forma positiva.”



Quando Alberto viajou para ser técnico nos Emirados Árabes, ele conseguiu se dedicar bastante à família e à vida doméstica, pois tinha apenas um emprego. Alberto lembra com muito carinho dessa época.

tro cara mais velho. Ele pegou uma menina, eu peguei outra e entramos no meu fusca. Fomos andando, dando uns beijinhos e “pá!” Acho que passamos por uma blitz e aí: “Para, para!” E levaram a gente pro DOPS (*órgão do governo brasileiro, Departamento de Ordem Política e Social*) e só duas da tarde nos liberaram! Imagina como meus pais ficaram! Fui preso sem ter feito nada. Eu não tinha nada a ver com política. Mas meu pai, também, foi preso. Meu pai foi preso e sofreu muito. Por conta de uns textos sobre a ditadura escritos por um cara que escrevia para a revista dele (*pai de Alberto*). Meu pai foi chamado para depor no DOPS. No dia seguinte, ele teve um AVC (*Acidente Vascular Cerebral*). Então, porra! Foi muito duro pra ele voltar toda aquela fuga do Nazismo (*ideologia de extrema direita da Alemanha*). Depois de seis meses, ele faleceu. Mas eu não me tocava muito. Eu era a favor de ir lá jogar meu basquete, namorar muito, mas lógico que eu gostava de liberdade. Ia ao Teatro Opinião (*Rio de Janeiro*) direto, ouvia Raul Seixas, Gilberto Gil (*cantores e compositores brasileiros*). Eu era a favor de tudo que era ao contrário, mas não tinha certeza daquilo que eu queria.

**Sarah** — Você falou que era um rebelde sem causa...

**Alberto** — Eu era um rebelde sem causa. E hoje eu tenho muitas causas pra ser rebelde.

**Ingrid** — Alberto, você falou anteriormente que as autoridades no seu tempo eram muito ruins. Hoje, colocando em perspectiva, você tenta tirar dessas autoridades ruins um exemplo para ser melhor?

**Alberto** — Não sei. Não sei...

**Karine** — (*interrompendo*) Só complementando: porque as meninas da produção disseram que você tem uma vontade muito grande de mudar o mundo em um aspecto bem mais amplo...

**Alberto** — (*interrompendo*) Exatamente! Eu achava que nós tínhamos grandes líderes, eu achava que o mundo ia ser muito melhor, que iam ser muitas flores, grandes comunidades, que as pessoas iam se dar muito bem. Eu vejo grandes possibilidades de o Brasil criar fontes de energias bacanas, mas eu não vejo grandes líderes e grandes autoridades para fazerem essa mudança. Pelo contrário, eu vejo muito caos, eu vejo muita dificuldade pela frente.

Eu tava falando outro dia com a Sarah (*da equipe de produção*) e ela falou: “Você se dá conta de que é uma referência hoje? Aí eu falei: “Me dou conta e eu sempre quis ser uma referência”. Porque eu acho que faltam líderes no Brasil e eu queria ser um líder no esporte, porque faltam líderes no esporte. Se pelo menos uma das pessoas com quem eu trabalho veja em mim algo positivo e leve

isso adiante, é possível que isso vá se proliferando de uma forma positiva. Mas é preciso mudar, não há outra forma de fazer uma mudança que não seja através de pessoas e vontade de fazer transformações reais na nossa maneira de viver em termos de comunidade.

**Rosi** — Alberto, em relação a essa questão da autoridade e liderança, como é que você vive essa questão de ser líder e ser menos autoritário? Como é que você foge disso?

**Alberto** — Eu não tenho nada de autoritário. Eu sou o oposto do autoritarismo. Eu sou um líder que coloco as condições, delego com muita clareza aquilo que eu gostaria que fosse feito da melhor forma. E, ao longo do caminho, se eu vejo que não está sendo feito da forma como eu gostaria, eu procuro parar e explicar a alteração para sair da melhor forma. E, ao final do processo, ou eu faço uma substituição, ou vejo em mim mesmo o que poderia fazer para mudar, já que essa pessoa não tá conseguindo executar o que eu deleguei. Talvez seja exagero o que eu esteja pedindo, ou tenha pedido *pra* pessoa errada, jamais de forma autoritária. Pedindo por favor; agradecendo; enaltecendo os avanços; elogiando um gesto bem feito, todas as formas de melhoria da empresa, do time, todas elas são mostradas e divididas com: “Parabéns! Estamos no caminho certo.” E, quando não vai bem, também chamo atenção: “Olha, não dá pra continuar assim, vamos mudar o rumo, vamos fazer assado”, conversando sempre com muita clareza, sem mentiras e sem acumular. Na hora, na hora. “Não deu, vamos fazer assim”.

**Rosi** — E como percebe a sua influência para os jogadores? Porque você recebeu muita influência de seus técnicos. Como vê a mudança de vida para eles, nessa relação de você com o basquete?

**Alberto** — Na verdade, a influência maior que eu tenho é de mim mesmo. As lições que eu trago são muito poucas da minha vida acadêmica, ou dos livros. É muito maior da minha experiência de vida. Quando eu passo para os meus atletas, eu passo exatamente aquilo que eu já vivi, passo algo que eu acho que seja bom pra eles. E tenho esse *feedback*, se tá legal, se tá se sentindo bem em Fortaleza, “a filha vai nascer aqui mesmo?” “Tá se alimentando bem? Tá conseguindo?” Nós estamos tentando fazer isso, se estão conseguindo se encaixar nos padrões. Sempre conversando bastante, dialogando. Não é calado, esperando que caia do céu, sempre buscando e cutucando o diálogo. E, às vezes, eu cutuco o diálogo e a pessoa não quer o diálogo, mas não cutuco duas vezes.

**Sarah** — Você acha que o esporte é esse

mecanismo transformador da sociedade?

**Alberto** — Ele é porque ele ensina muito rápido. Eu dei aula agora antes das Olimpíadas (*Rio 2016*) para quase 50 crianças. Ninguém consegue dominar 50 crianças. Eu dei duas aulas, dominei as 50 crianças: “Uma fila aqui, atrás da linha. Não, não, não, tá muito junto” (*gesticulando*). Três horas ali, mais três horas no outro dia, *tava* todo mundo jogando basquete e a faixa de idade era de sete a oito anos. Lógico que todos os pais estavam em volta, teve piquenique, pular corda, amarelinha, tudo voltado para o basquete. Não tinha cesta de basquete, porque eles estavam pintando a quadra e tive de fazer em outra. Mas criei uma maneira de jogar basquete. Todo mundo jogou, bateu a bola de um lado para outro. Todo mundo *amarradão* no basquete, já sabem até os nomes dos jogadores. Não é difícil, eu tenho talento para isso, mas eu precisei desenvolver para chegar ao ponto de pegar 50 crianças, de sete a oito anos de idade, e ter a chance de paralisá-las e elas ficarem olhando para você. Tem de ter certo talento (*risos*).

**Alana** — Aqui em Fortaleza, o que você e o seu time têm feito para que o esporte seja esse gerador de mudança social? O que vocês têm feito para que as crianças daqui tenham mais acesso ao basquete? Tem algum projeto?

**Alberto** — A gente fez entre 50 e 100 visitas a escolas. Equipamos algumas, mas as escolas particulares aqui, todas elas, têm uma febre de basquete. Algumas que antes não tinham basquete... Vou dar o exemplo do 7 de Setembro (*colégio particular de Fortaleza*) hoje: ele tem turma de 30 alunos no sub-12, 30 alunos no sub-13, 30 alunos no sub-14 e 30 alunos no sub-15. Só aí são 150 crianças. E isso existe no Christus, existe no Ari de Sá (*colégios particulares de Fortaleza*), então tem uma mobilização nessas escolas. As escolas públicas que a gente frequentou (*a intenção*) foi mais para deixar o lúdico na cabeça das crianças, mas posso dizer que o basquete nas escolas de Fortaleza é praticado.

**Sarah** — Você falou que queria fazer uma revolução aqui no Ceará...

**Alberto** — (*interrompendo*) Queria!

**Sarah** — Você queria e está conseguindo?

**Alberto** — Tô! Tô conseguindo! Eu acho que a revolução já existe. No dia que eu cheguei aqui no Ceará, o basquete não era nem falado. Nos colégios, não se jogava basquete. A revolução começou. Mas só começou. A grande revolução será daqui a dez anos ter um campeonato cearense, no qual, em todo fim de semana, as crianças, com seus pais em volta, joguem com uma tabela de março a novembro, (*dias*) de sábado e domingo,

Na pré-entrevista, Alberto disse que se a Solar renovar o contrato em julho de 2017, ele promete permanecer no Ceará. Alberto fala com muito carinho do local e pretende, sim, continuar fazendo mudanças.

Através do basquete, Alberto conheceu muitos lugares, como: Sevilla, na Espanha; Fukuoka, no Japão; Lima, no Peru e os Emirados Árabes, onde foi técnico.

Alberto é casado há 40 anos com Leila Bial e tem duas filhas: Marcela Bial, a mais velha, e Melina Bial, mais nova e mãe da Alice, neta dele de sete anos.



“Eu acho que a revolução já existe. No dia que eu cheguei aqui no Ceará, o basquete não era nem falado. Nos colégios, não se jogava basquete.”

como eu joguei. Todo sábado e domingo, tem jogo contra o time tal, o colégio tal, pra que ela (*a criança*) possa, durante a semana, ficar fazendo xixi na calça, de nervosa porque tem jogo sábado e domingo. Ter a final do campeonato e ter as férias, saber que subiu de categoria, que ela possa ser um atleta profissional, ou não. Mas (*saber*) que ela tenha aprendido a disciplina, a cooperação, a coordenação, a solidariedade, saber vencer, saber perder e, quando entrar numa empresa para trabalhar, ela vai ter coisas que não teria se não tivesse jogado o basquete, ou o vôlei, ou handebol, ou o futsal, ou qualquer modalidade. Mas, no basquete, eu tenho certeza absoluta de que eles serão outros cidadãos. Para que isso aconteça, (*basta*) pouquíssimo dinheiro, uma ótima organização e pessoas que acreditem nesse sonho da revolução.

**Karine** — Pensando no impacto que o esporte tem na sua vida: você disse que quando começou a nadar, o seu pai começou a mudar de vida, parou o vício. Atualmente, como o esporte o ajuda a ser um pai, um marido e um avô melhor?

**Alberto** — É incrível isso! Quando os filhos têm os valores acrescidos, nos passeios, nas tarefas domésticas, no relacionamento

dentro de casa, você cria um time e esse time ajuda muito. Eu posso falar *de carteira* porque eu tenho duas filhas extremamente bem educadas, bem vividas, que sabem viver a vida e, quando a neta (*Alice*) nasceu, (*a neta*) me deu um significado de vida ainda maior. Ela toda durinha, toda certinha, toda bonitinha, é uma atleta! Eu acho que de geração para geração há um aperfeiçoamento, um desenvolvimento. A gente nasceu, isso eu não tenho a menor dúvida, para evoluir e a gente vê que a nossa espécie se agride, regride muitas vezes, mas nasceu para evoluir e eu sinto perfeitamente no meu ser que eu evolui muito, em vários aspectos. Involui em alguma coisa, mas a minha evolução foi bem legal.

É bacana: nos Jogos Olímpicos, teve um aluno, aliás, vários alunos que encontraram minha neta, a envolveram e: (*em alto tom*) “Olha, o seu avô nos ajudou muito! A gente só é o que é porque o seu avô existiu”. Porra! Ouvir um negócio desses! Ela não entendeu nada, mas para mim foi o maior barato. Eu fui muitos anos professor na Marinha. O esporte ajuda a pessoa a evoluir. Eu acho que a pessoa pode evoluir sem o esporte também, mas os valores do esporte... As pessoas fa-

Para Alana, a escrita do perfil de Alberto foi a mais difícil, mesmo tendo sido produtora da entrevista (*todos os alunos escrevem um perfil para cada entrevistado*). Mas quando as palavras fluíram, Alana chorou enquanto escrevia.

lam muito em valores sem entender o significado disso, né? Bota lá na porta da empresa: Missão: tal, tal, tal. Valores: esse, esse, esse. Fica ali na parede, né? Não entra dentro da pessoa. A pessoa trabalha na empresa, é usada por ela e a empresa joga a gente fora. É mais ou menos assim e a gente vai procurar outra empresa.

Mas essa questão de evolução a gente tem de buscar a cada dia. A cada nascer do Sol. "Porra, Bial! Você tá dez quilos mais gordo. Que idiota, *hein?* Vai morrer bem antes do que devia. Vai lá dar tua caminhada, tua nadada. Porra! Fecha a boca". Ontem, saí do enterro, e comi duas linguças, carne, farofa, delícia de morango, comprei chocolate, comi um sanduíche de peito de peru. Tô querendo me matar, né? Entrei no avião hoje, *pah* não sei o quê e agora tô aqui com vocês. (risos)

**Alana** — E como é que você lida com a distância da família? Porque as suas duas filhas...

**Alberto** — (interrompendo) Dói, dói, dói...

**Alana** — E a neta mora no Rio, a sua mãe...

**Alberto** — (interrompendo) Mas nada dói mais do que a morte desse meu amigo (Braz). É um vácuo! Um vazio! (Silêncio prolongado, emocionado. Retoma a fala com voz embargada e lágrimas nos olhos) Eu tinha dois amigos: Rogerinho morreu e o Braz morreu. É a mesma coisa que perder um braço. Um vazio! Eu sinto muito saudade, muita saudade! Mas é a minha vida, eu escolhi e a minha vida é esta: o basquete. Eu sem o basquete não sou ninguém. Se eu for *pro* Rio, eu até posso ir *pro* Rio e ficar lá, levar a neta no colégio, voltar, andar na praia. Mas sem produzir nada. Não vou ser feliz. Minha vida é o Basquete Cearense. Isso me dá significado, me dá sentido, eu tenho de lutar. É aquilo que eu escrevi ali (apontando pro diário da China) eu tenho de lutar, mas não basta só lutar, tem de lutar com alma, isso me dá um significado de vida. A Alice estar viva *pra* mim é importante, saber que ela passou *pra* terceira série! Porra! Alice já vai *pra* 3ª série! Uma moça. Ela me viu e ficou coração com coração assim (colocando a mão no peito). Ela chegou lá no restaurante, sentou no meu colo e não saiu mais. A Leila (esposa) ficou morrendo de ciúmes: "Você não vem nem para a vovó hoje?" Ela levantou e foi. A saudade é enorme, mas o basquete é a minha vida.

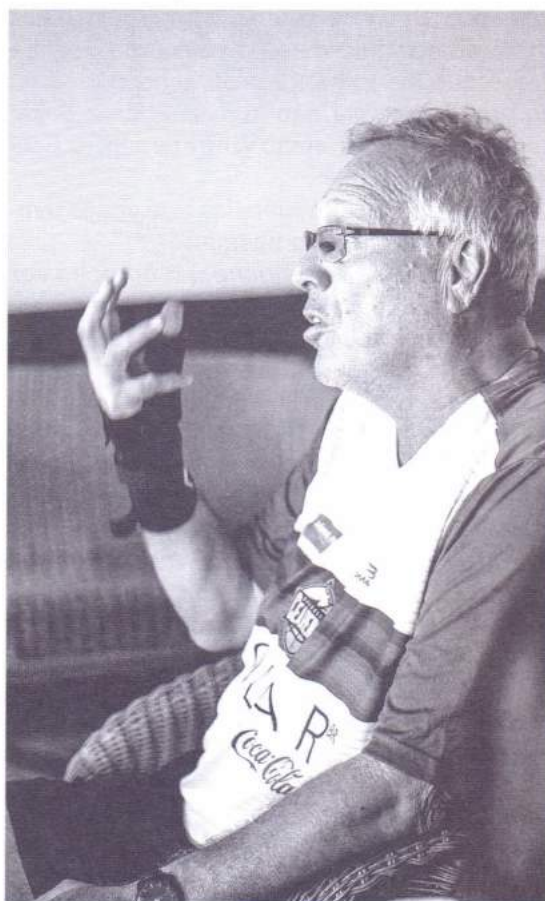
**Alana** — Você pensa em reviver aquilo que viveu nos Emirados Árabes, de ficar mais próximo (da família)?

**Alberto** — (interrompendo) Não! Porque ali as crianças tinham dois anos e quatro anos e isso acabou. Minha vida é eu e Leila. A Leila falou: "Porra! A Sônia era tão companheira

---

(...) "eu sinto perfeitamente no meu ser que eu evolui muito, em vários aspectos. Involui em alguma coisa, mas a minha evolução foi bem legal."

---



do Brás, a gente não é tão companheiro assim". "Não é porque não quer, meu amor. Se você quiser ficar do meu lado o tempo todo, você fica." Ela me olha assim, fica me abraçando. (risos). Porque o Braz e a Sônia eram unha e carne; e a Leila fica uns dez, 20 dias lá no Rio e me deixa sozinho aqui. A gente dorme em quartos diferentes, eu não consigo dormir na mesma cama que alguém, impossível eu viro *pro* lado, viro *pro* outro, boto o travesseiro entre as pernas, levanto *pra* fazer xixi três vezes. Mas a Leila é uma super, supercompanheira.

**Maurício** — Vocês se conheceram no

Alberto disse que não era um bom aluno nos tempos de escola. Só queria saber de jogar, por isso chegava sempre suado em sala.

Para Sarah, uma das produtoras da entrevista, a entrevista com Alberto a fez ver as coisas de uma forma mais humana. A experiência foi engrandecedora!



O time de basquete cearense é chamado, pela mídia e torcedores, de Carcará, espécie de ave de rapina que parece bastante com um falcão.

basquete, né? Vocês se conheceram nas quadras.

**Alberto** — É... Com a Leila foi assim: a Vânia, casada com o China, que jogou no mesmo time em que eu e o Brás, ia assistir aos jogos com ele (*China*). (*Eles*) disseram: "Tem um cara lá que é o maior gato." Ela (*Leila*) foi ver o jogo e gostou de mim. Eu não dava nem bola. Até que um dia eu olhei assim: "Caraca! Maior gata, aí!" A gente *tava* no fusca, peguei na mão dela e *pá!* (*com um sorriso no rosto*). Fomos eu e Leila *pra cima e pra baixo*, em 1975. Moramos juntos; em 1977, ela ficou grávida, casamos e nunca mais separamos. Quase não brigamos, só umas 30.000 vezes (*risos*). Mas nunca separamos. Ela ficou na Arábia comigo os três anos, Goiânia três anos, Joinville sete anos, se formou em chefe de cozinha, mesmo com uma doença grave que ela tinha. Que eu acho que tinha porque ontem ela não teve nenhuma crise, parece que surtiu efeito (*o tratamento. Bate três vezes na mesa*).

**Sarah** — E as experiências que vocês tiveram juntos através do basquete?

**Alberto** — (*interrompendo*) A primeira vez que saí para morar fora do Rio foi em Angra dos Reis (*município litorâneo do Rio*). Então, ela ficou no Rio e eu fiquei em Angra. Depois eu fui morar três anos em Goiânia, ela ficou comigo lá, vim pro Ceará e ela passa a maior parte do tempo comigo. Já estamos com quase cinco anos aqui. Ela me acompanha direto. É uma supercompanheira, uma mulher e tanto. E, agora que eu me aposentei, eu falo assim para ela: "Se eu morrer, você vai lá na Praça XV" (*Marinha*), porque o soldo (*salário*) vai para ela. Ela presta atenção (*risos*).

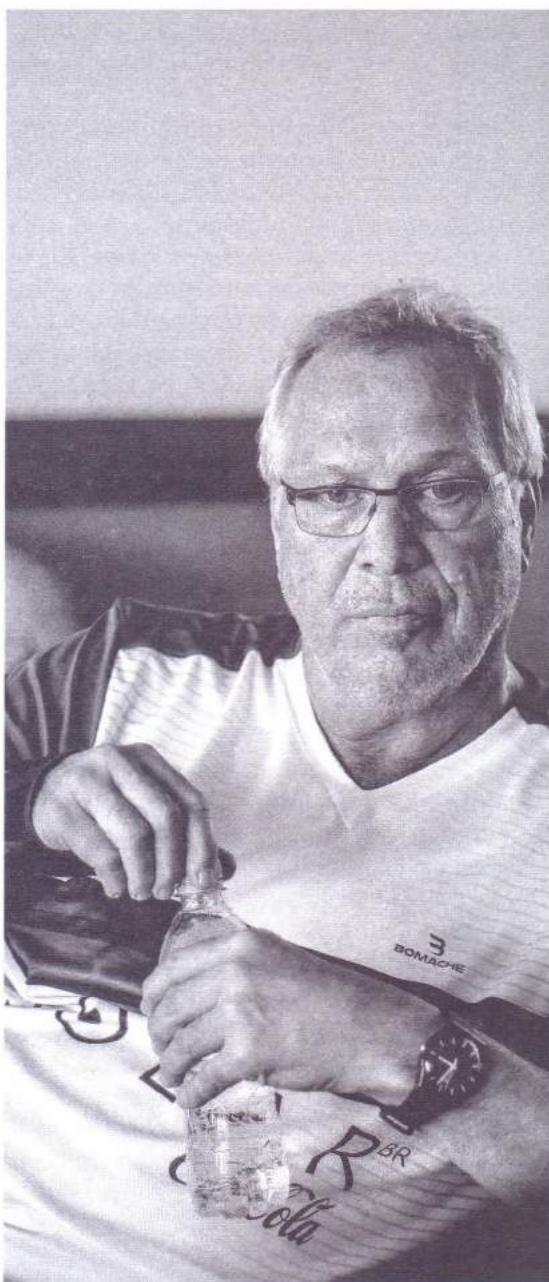
**Alana** — Só uma dúvida: você era professor de que na Marinha?

**Alberto** — Professor de Educação Física. E para ser comentarista de TV, eu tive de fazer um curso de radialista, ainda fiz mais isso.

**Alana** — Alberto, o que você espera deixar de legado para a família e para o esporte?

**Alberto** — (*Silêncio, pensativo*) Se eu puder deixar algum legado, é que eles pensem assim: aquele cara que foi meu pai, ou que foi meu amigo, ou que foi meu professor, ele fazia as coisas com o coração, ele fazia as coisas de verdade, ele não fazia as coisas como um funcionário público, não fazia as coisas pela metade, por fazer, ele fazia as coisas com determinação, com afinco. Eu gosto de tudo que eu me envolvo, fazer com amor, fazer com afeto, deixar alguma coisa que as pessoas possam usufruir aquilo. Por exemplo: a pessoa tem um talento bacana,

mas ela é toda envergonha, aí eu: "Poxa! você tem um talento bom pra isso", daqui a uns anos vira alguém sem vergonha de nada, desenvolvendo aquele talento, isso é um legado para mim. Ver uma pessoa ter um desenvolvimento no basquete é isso. Você desenvolver talentos na família é isso. Minha filha viu uma mensagem em que eu discuti com uma pessoa, e coloquei assim: "Rapaz, eu não vou discutir contigo dessa maneira porque eu tô de bicicleta e eu não posso perder o equilíbrio com você porque eu tô em movimento. Se eu for me desequilibrar, eu vou cair e eu não posso cair". Então, ela me respondeu: "Estou orgulhosa de você! Num momento tão crítico você teve o equilíbrio". É um legado gostoso.



Os entrevistadores, que ainda não tinham visto Alberto pessoalmente, ficaram surpresos com a semelhança dele com o irmão Pedro Bial.